

**A NOVA EDIÇÃO DOS CONTOS DE PERRAULT:
REGINA ZILBERMAN RESSIGNIFICA
WALCYR CARRASCO**

Anna Olga Prudente de Oliveira*
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Márcia Amaral Peixoto Martins**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: Neste início do século XXI, diversas editoras brasileiras têm publicado a obra de Charles Perrault, *Histórias ou Contos de antigamente com moralidades*, em edições que apresentam reescritas dos contos do autor francês do século XVII feitas por tradutores e adaptadores de grande prestígio na área da tradução ou da literatura infantojuvenil: Mário Laranjeira (Iluminuras, 2007), Maria Luiza Borges (Zahar, 2010),

* Bacharel em Letras com Habilitação em Tradução pela PUC-Rio. Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade do Rio de Janeiro. Mestre em Letras/Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, com bolsa CNPQ. Membro do corpo editorial da Revista Escrita (PUC-Rio). Tradutora de obras de ficção, literatura infantojuvenil e ciências humanas. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: annaolga@terra.com.br

** Bacharel em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1976), Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1987), Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Em 2012 realizou pesquisa de pós-doutorado sob a orientação da Dra. Else Ribeiro Pires Vieira na Queen Mary University of London. Desde 1986 é membro do corpo docente do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde leciona na graduação e na pós-graduação disciplinas de teoria e prática da tradução. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: marcia.martins31@gmail.com



Ivone Benedetti (L&PM, 2012), Rosa Freire d’Aguiar (Companhia das Letrinhas, 2012), Katia Canton (DCL, 2005) e Walcyr Carrasco (Manole, 2009; Moderna, 2013). Além de possibilitar uma redescoberta do autor pelo público leitor brasileiro, essas reescritas – traduções e adaptações – também realizam um trabalho de divulgação e valorização de sua obra, em edições que contêm paratextos abordando a vida e a obra de Perrault bem como o trabalho realizado pelo tradutor ou adaptador. Considerando a visibilidade do trabalho do tradutor/adaptador propiciada pelos paratextos das reescritas, este artigo busca discutir em que medida um novo projeto editorial pode ressignificar uma reescrita, no caso em questão, a adaptação dos contos de Perrault feita por Walcyr Carrasco, inicialmente publicada pela Manole (2009) e agora em nova edição publicada pela Moderna (2013), com prefácio de Regina Zilberman.

Palavras-chave: Contos de fadas. Charles Perrault. Tradução de LIJ no Brasil. Walcyr Carrasco. Regina Zilberman.

A NEW EDITION OF PERRAULT’S TALES: REGINA ZILBERMAN RESIGNIFIES WALCYR CARRASCO

Abstract: Since the beginning of the 21st century, different Brazilian publishing houses have released Charles Perrault’s *Stories or Tales of Olden Days with Morals* in editions which present rewritings of the 17th century French author’s tales done by translators and adaptors of great prestige in the translation area or in children’s literature: Mário Laranjeira (Iluminuras, 2007), Maria Luiza Borges (Zahar, 2010), Ivone Benedetti (L&PM, 2012), Rosa Freire d’Aguiar (Companhia das Letrinhas, 2012), Katia Canton (DCL, 2005) and Walcyr Carrasco (Manole, 2009; Moderna, 2013). Besides promoting a rediscovery of the author by the Brazilian reading public, these rewritings – translations and adaptations – also help to promote and value his work, with editions that contain paratexts commenting on Perrault’s life and work as well as on the work done by the translator or adaptor. Considering the visibility of the translator/adaptor’s work provided by the paratexts that accompany the rewritings, this article discusses how a new publishing project is able to resignify a rewriting, in this case, Walcyr Carrasco’s adaptation of Perrault’s tales, first launched by Manole (2009) and now in a new edition published by Moderna (2013), with a preface written by Regina Zilberman.

Keywords: Fairy tales. Charles Perrault. Translated children’s literature in Brazil. Walcyr Carrasco. Regina Zilberman.

Introdução: os contos de Perrault no Brasil

Publicada na França em 1697, a obra de Charles Perrault *Histoires ou Contes du temps passé avec des moralités* (*Histórias ou Contos de antigamente com moralidades*), com oito contos em prosa seguidos de moralidades em verso, introduz na literatura escrita histórias populares que tradicionalmente eram transmitidas pela oralidade. Com a popularidade alcançada na corte francesa do século XVII e XVIII e com sua difusão em diversas outras línguas e culturas, tais contos tornam-se canônicos e chegam ao século XXI sendo considerados “clássicos da literatura infantojuvenil”. No sistema literário brasileiro a obra de Perrault já exerce papel relevante em fins do século XIX e início do século XX, período em que uma literatura infantojuvenil (LIJ, doravante) nacional começa a desenvolver-se, com escritores e tradutores que importam modelos literários estrangeiros, reescrevendo obras de autores como Perrault. Podemos aqui citar as reescritas de Figueiredo Pimentel, com seu célebre *Contos da Carochinha* (1896), e Monteiro Lobato, com seu *Contos de Fadas* [1934].

Na obra de Pimentel, composta por 61 contos da tradição europeia, a questão da autoria sofre um apagamento radical em detrimento de valores morais da época. Em nenhum dos contos há uma identificação do autor do texto fonte. De acordo com os editores da obra, o que se busca é a transmissão de certos “conteúdos” úteis à educação infantil para “guiar as crianças no caminho do bem e da virtude, alegrando e divertindo ao mesmo tempo” (PIMENTEL, 1911, catálogo, p. 11). Temos assim, considerando os títulos e o enredo das narrativas, alguns contos possivelmente adaptados da obra de Perrault, como *O Barba-Azul*, *O gato de botas* ou *O Pequeno Polegar*, dentre outros; entretanto, não encontramos nesses contos as moralidades em verso que caracterizam a obra do autor francês.

A ausência das moralidades também pode ser notada na tradução de Monteiro Lobato. Mais interessado em criar obras agradáveis às crianças, em *Contos de Fadas*, o escritor e tradutor exclui as moralidades dos oito contos de Perrault, considerando que o

público alvo não compreendia nem se interessava por esses poemas. Como tradutor e editor de obras traduzidas, Lobato buscava “abrasileirar a linguagem” e tornar os textos mais acessíveis ao público leitor infantil, mesmo que para isso fosse preciso “melhorar o original”, como podemos ler em suas considerações sobre tradução em trechos de algumas cartas ao amigo e tradutor Godofredo Rangel (LOBATO, 1951, v.2, p. 275).

Embora a LIJ brasileira tenha alcançado pleno desenvolvimento ao longo do século XX, muitas reescritas de contos de fadas e contos populares continuaram sendo feitas por meio de adaptações que se caracterizavam por realizar alterações drásticas nas obras e, ainda, por efetuar uma espécie de apagamento em relação à questão da autoria, uma vez que nem sempre identificavam o autor do texto fonte utilizado. Assim, de modo geral, os contos de Perrault atravessaram o século XX no Brasil com esse duplo apagamento em relação à questão da autoria e à questão literária, esse último aspecto podendo ser observado, por exemplo, com a recorrente exclusão das moralidades, dentre outras estratégias. Realizando simplificações e facilitações nas obras, tais adaptações visavam muitas vezes uma adequação a valores morais e a determinado público. Em um estudo sobre reescritas de *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, Ana Maria Clark Peres (2000) analisa 33 versões do conto, realizadas entre 1953 e 1985, e observa que

[...] na maioria delas não há a informação sobre o tipo de reescrita realizado – se são traduções ou adaptações – nem qualquer menção ao texto fonte utilizado – Perrault ou os irmãos Grimm (apenas 10 se dizem originais de Perrault e cinco dos irmãos Grimm) (OLIVEIRA, 2014, p. 57).

Tendo em vista as diversas omissões de passagens consideradas mais violentas, tristes ou indecentes, Peres conclui que “a intenção [das versões] é simplesmente contar a história de Chapeuzinho Vermelho” (PERES, 2000, p.184).

Os contos de fadas sofriam ainda com a visão negativa prevalente no século passado que os considerava machistas, sexistas, violentos e maniqueístas. Como constata a escritora Ana Maria Machado, até a década de 1970, “a quase totalidade das edições que havia no mercado constava de versões resumidíssimas e adulteradas, totalmente pasteurizadas (e, portanto, sem sentido), de tão expurgadas de seus elementos essenciais” (PERRAULT, 2010, p. 11). Um dos fatores que irá possibilitar uma mudança nessa visão é a influência da perspectiva psicanalítica de análise dos contos de fadas muito difundida pela obra *A psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bettelheim, lançada em 1976 e publicada no Brasil no final da mesma década.

Portanto, embora Perrault talvez seja um nome conhecido por aqueles que o relacionam a seus contos mais célebres, tais como *Chapeuzinho Vermelho* e *A Bela Adormecida* ou ainda *Pele de Asno* e *Barba Azul*, somente no século XXI o público leitor brasileiro passou a ser apresentado a uma variedade de reescritas – traduções e adaptações – que não apenas destacam o nome do autor francês como também realizam um trabalho de divulgação e valorização de sua obra, em edições que contêm paratextos (como prefácios, posfácios, apresentações) abordando a vida e a obra do autor bem como o trabalho realizado pelo tradutor ou adaptador.

Considerando a visibilidade do trabalho do tradutor/adaptador propiciada pelos paratextos das reescritas, o presente artigo busca discutir em que medida um novo projeto editorial pode ressignificar uma reescrita, no caso em questão, a adaptação dos contos de Perrault feita por Walcyr Carrasco, inicialmente lançada pela Manole (2009) e agora em nova edição publicada pela Moderna (2013), com prefácio de Regina Zilberman. Antes, porém, cabe aqui comentar brevemente o recente fenômeno editorial que tem trazido a obra de Charles Perrault ao público leitor brasileiro contemporâneo.

Um recente fenômeno editorial

Desde 2005, a obra de Perrault vem sendo publicada no Brasil em reescritas que, por um lado, trazem a questão da autoria ao público leitor, tanto por identificar Perrault como autor, como também por tratar, em paratextos, da questão autoral relativa aos contos de fadas (tradição oral vs. literatura escrita). Por outro lado, essas novas reescritas possuem diferenças relevantes observadas especialmente em relação as que se apresentam como *tradução* e a outras que podem ser consideradas *adaptação*, sendo estas apresentadas como “história recontada” ou “adaptação/recriação”. Ressalte-se ainda que as reescritas dos contos de Perrault, publicadas por editoras diversas em menos de uma década, são assinadas por tradutores ou adaptadores de grande relevância na área da tradução ou da LIJ: Mário Laranjeira (Iluminuras, 2007), Maria Luiza Borges (Zahar, 2010), Ivone Benedetti (L&PM, 2012), Rosa Freire d’Aguiar (Companhia das Letrinhas, 2012), Katia Canton (DCL, 2005) e Walcyr Carrasco (Manole, 2009; Moderna, 2013). Enquanto as quatro primeiras edições são traduções literárias, as duas últimas podem ser consideradas adaptações de obra de Perrault.

Na edição da Iluminuras (2007), *Contos e Fábulas: Charles Perrault*, o tradutor e teórico da tradução Mário Laranjeira apresenta extensa coletânea da obra de Perrault, incluindo não apenas os oito contos em prosa com moralidades em verso, mas também diversos outros contos e fábulas. Há ainda um posfácio do próprio tradutor comentando a biografia do autor e o trabalho de tradução realizado. Já pela Zahar (2010) temos a tradução feita por Maria Luiza Borges, intitulada *Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen & outros*, que inclui outros autores de contos de fadas e contos populares tradicionais. Nessa edição encontramos uma apresentação assinada por Ana Maria Machado, intitulada “Um eterno encantamento”, em que a escritora ressalta a importância dos contos de fadas para o público infantil e para a própria literatura.

Na edição de bolso da L&PM (2012), Ivone Benedetti apresenta sua tradução intitulada *Contos de Mamãe Gansa*. Na obra temos os

oito contos em prosa com moralidades em verso e ainda três contos em verso, além de um prefácio, “Perrault ou a inocente delação de uma época”, em que a tradutora analisa o contexto do autor francês. E, por fim, a última tradução literária mencionada aqui é a de Rosa Freire d’Aguiar, *Chapeuzinho Vermelho*, publicada pela Companhia das Letrinhas (2012). Como o título sugere, o livro contém apenas o célebre conto de Perrault em uma edição voltada ao público infantil com grandes ilustrações acompanhando a história. Ao final do livro, encontramos textos com informações para as crianças sobre o autor e a tradição dos contos de fadas.

Mesmo com propósitos distintos, variando da ampla coletânea de Mário Laranjeira ao livrinho para crianças de Rosa Freire d’Aguiar, essas edições apresentam um trabalho de tradução literária em que os tradutores buscam manter ou recriar as marcas textuais do texto fonte, mantendo, por exemplo, as moralidades em verso, o que ocorre inclusive no livro propriamente mais infantil, *Chapeuzinho Vermelho*.

Por outro lado, as publicações da DCL (2005), *Era uma vez Perrault*, com histórias recontadas por Katia Canton, e da Manole (2009), *Contos de Perrault*, em adaptação de Walcyr Carrasco, apresentam um tipo de reescrita que realiza alterações mais significativas na obra. Além de acréscimos e modificações ao longo das narrativas, podemos observar que, em relação às moralidades em verso, Canton escreve textos próprios ao final dos contos, os quais intitula “poemas da história”, com o objetivo de criar “novos finais poéticos, mais descompromissados com a linguagem e as normas de etiqueta da época” (CANTON, 2005, p. 12). Carrasco, por sua vez, exclui todas as moralidades dos contos de Perrault. Em três livros infantis publicados pelo selo Amarilys da editora Manole (2009), Carrasco apresenta sua adaptação dos oito contos em prosa (sem as moralidades ao final), e também a adaptação em prosa dos contos, originalmente em verso, *Pele de Asno* e *Os desejos ridículos*.

Um fenômeno editorial recente porém altera essa apresentação, gerando implicações significativas para a reescrita em questão. Em

2012, ao adquirir os direitos de toda a obra do escritor Walcyr Carrasco, a editora Moderna passa a publicar novas edições de seus livros, tanto sua própria obra literária como também seus trabalhos de adaptação e tradução de clássicos da literatura. Considerando uma série de aspectos relativos a tal mudança editorial, como veremos, torna-se interessante investigar em que medida a patronagem, neste caso um novo projeto editorial, pode transformar ou ressignificar uma (re)escrita.

Reescrita e patronagem

Antes de analisar os aspectos do projeto editorial da Moderna, cabem aqui algumas considerações acerca da perspectiva teórica que embasa a análise. A literatura traduzida é vista sob o prisma dos Estudos Descritivos da Tradução, sendo entendida portanto como um sistema pertencente ao polissistema literário em que se insere, e, conseqüentemente, ocupando uma posição que não é fixa, mas sim o resultado de uma série de influências e coerções, as quais impingem uma hierarquia dinâmica entre sistemas (EVEN-ZOHAR, 1990). Nosso enquadre metodológico é o esquema para descrição de traduções proposto por Lambert & Van Gorp (2011), a partir do qual a tradução passa a ser analisada como resultado das relações específicas que ocorrem entre os parâmetros básicos envolvidos na atividade tradutória: o autor, o texto e o leitor das culturas fonte e meta constituídos tanto *intra* como *inter* sistemas.

O foco, nesse caso, recai sobre o sistema meta, em particular para relações observadas entre o texto meta e seu autor, isto é, a reescrita dos contos feita por Walcyr Carrasco. No entanto, além de analisar esses dois parâmetros do sistema literário meta, busca-se aqui sobretudo observar a ação de um fator externo ao sistema: o projeto editorial da Moderna. Assim, torna-se central para essa discussão a ideia de patronagem, entendida como o fator de controle externo ao sistema literário, que institui os padrões aceitos em dada literatura, com base em determinada ideologia (LEFEVERE,

1992). A ideia de patronagem e também a de reescrita apresentadas por Lefevere norteiam nossa análise.

Lefevere argumenta que a maioria dos leitores, isto é, leitores não profissionais, têm acesso a obras por meio de suas reescritas — antologias, críticas, resumos, adaptações e traduções. Desse modo, uma obra não é reconhecida ou valorizada por seu (suposto) valor intrínseco, mas sim por suas reescritas que eventualmente irão alçá-la a um posto canônico, dependendo de fatores ideológicos ou poetológicos da cultura em questão. A essa concepção subjaz o entendimento de que reescritores são tão (ou mais) importantes que os escritores no que tange a recepção das obras pelos leitores comuns (não havendo aqui um julgamento de valor, apenas um caráter de constatação de uma realidade). Lefevere fornece vários exemplos para amparar suas considerações, mostrando que certas obras ficaram “esquecidas” por muito tempo e tornaram-se importantes apenas posteriormente ao serem reescritas em determinada cultura cuja ideologia ou poética permitiu trazer aquela obra para seu sistema literário. A seu ver, portanto, o que determina a canonização ou o esquecimento de uma obra ou de um autor não é portanto seu “valor”, mas sim questões relativas a poder, ideologia e instituições, envolvendo necessariamente a manipulação das obras por meio de reescritas.

De fato, podemos considerar que, em relação ao sistema meta em questão, isto é, o sistema literário brasileiro, os projetos editoriais recentes contribuem efetivamente para gerar novas imagens de Perrault e sua obra, uma vez que promovem uma redescoberta do autor francês pelo público leitor brasileiro, marcando uma diferença relevante em relação ao século XX, como visto, em que havia um apagamento da questão autoral e, de modo geral, apenas um interesse em contar as histórias de *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, etc.

Por fim, a concepção de Lefevere pressupõe que tanto as escritas quanto suas reescritas são determinados pela “lógica da cultura”. O autor entende que o que determina essa lógica é tanto o fator de controle exercido pela patronagem, como já mencionado,

como também um fator interno ao próprio sistema literário, constituído pelos profissionais que instituem determinada poética, a qual se torna dominante em dada cultura. Esses profissionais (editores, críticos, tradutores) costumam apresentar semelhanças em termos ideológicos em relação aos responsáveis pela patronagem (instituições, editoras, governos).

Busca-se aqui portanto relacionar a patronagem, o projeto editorial da Moderna, à atuação de um fator interno ao próprio sistema: a atuação da crítica, vista no prefácio assinado por Regina Zilberman, o qual acompanha a nova edição dos *Contos de Perrault recontados* por Walcyr Carrasco (CARRASCO, 2013). Essa análise se propõe a discutir em que medida esses agentes atuam no sentido de criar novas imagens da obra e de seu autor, isto é, da própria reescrita dos contos e de Walcyr Carrasco.

Walcyr Carrasco: escritor, adaptador, tradutor?

Autor de teledramaturgia e de LIJ, com grande reconhecimento popular, Walcyr Carrasco também é autor de diversas adaptações de clássicos da literatura, como, por exemplo, *D. Quixote* de Cervantes, *Os Miseráveis* de Vitor Hugo, *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas (filho), *Contos* de Andersen e *Contos* de Grimm. Da obra de Perrault, Carrasco publicou como adaptação, pelo Selo Amarilys da Editora Manole (2009), os livros infantis *Chapeuzinho Vermelho e outras histórias*, *Cinderela e outras histórias* e *O Gato de Botas e outras histórias*. Cada edição contém, além dos contos, um sumário, um prefácio (não assinado) intitulado *Quem foi o pai da Bela Adormecida* e breves biografias do adaptador e da ilustradora, de uma página cada, intituladas *Sobre a ilustradora*, *Vivian Suppa* e *Walcyr Carrasco*, e ainda, ao final do livro, adesivos coloridos com imagens dos personagens das histórias¹.

Também como “adaptação de Walcyr Carrasco”, a editora Manole já havia publicado, em 2006, contos de Andersen (*O patinho feio e outras histórias*) e, em 2007, contos dos irmãos Grimm

(*Branca de Neve e Rosa Vermelha e outras histórias*). Nesses dois livros há prefácios, intitulados “Um Autor que Toca os Corações” e “Cada Conto, um Ponto”, respectivamente. Embora nenhum dos dois prefácios esteja assinado, o leitor toma conhecimento da autoria do segundo prefácio, pois Walcyr Carrasco se identifica ao longo do texto no momento em que explicita algumas de suas estratégias para adaptar os contos de Grimm (CARRASCO, 2007, p.viii). Os livros contêm ainda as informações sobre o adaptador e a ilustradora em textos praticamente idênticos aos encontrados nos livros dos contos de Perrault mencionados acima.

Todas essas reescritas de Carrasco de clássicos da literatura por vezes são apresentadas como “tradução e adaptação” (caso de *D. Quixote*) e por outras, apenas como “adaptação” (caso dos contos de Perrault, Andersen e Grimm). Desse modo, o público leitor não distingue claramente em Walcyr Carrasco um trabalho de tradução apenas, estando suas obras mais vinculadas à categoria “adaptação”, não obstante o antigo site do escritor (antes da atualização recente feita em 2015) apresentar livros na categoria *tradução e adaptação*.

Esse quadro começa a modificar-se, a partir de 2012, quando a Moderna adquire os direitos da obra do escritor, como informa o site da editora: “É com grande satisfação que participamos a você a aquisição exclusiva das obras de uma das maiores expressões da nossa literatura para crianças e jovens, WALCYR CARRASCO” (site EDITORA MODERNA, 2012).

A editora Moderna e a biblioteca Walcyr Carrasco

Em homenagem aos 25 anos de carreira do escritor, a Editora Moderna anuncia o lançamento do projeto Biblioteca Walcyr Carrasco, cuja proposta é relançar títulos “totalmente renovados [...] com novas capas, ilustrações, formatos e acabamentos que valorizarão ainda mais o maravilhoso trabalho desse autor, que será sem dúvida indispensável em escolas, bibliotecas e livrarias” (site

EDITORA MODERNA, 2012). Nesse anúncio, a editora enumera algumas obras que já seriam lançadas no próprio ano de 2012, e podemos ver pelos títulos que a literatura de Carrasco e suas adaptações são mencionadas sem qualquer distinção:

Este ano contaremos com os seguintes títulos, totalmente renovados: Contos de Andersen, A Rainha da Neve, Cadê o super-herói?, Quando meu irmãozinho nasceu, Meu encontro com o Papai Noel, Asas do Joel, O mistério da gruta; Meu primeiro beijo, A Dama das Camélias, A volta ao mundo em 80 dias, Os miseráveis, Dom Quixote, Viagem ao centro da Terra, Vinte mil léguas submarinas, além dos títulos que já fazem parte do nosso catálogo: Camarões x Tartarugas – A grande copa do mar, Mordidas que podem ser beijos, O menino narigudo, O anjo linguarudo, O garoto da novela, A corrente da vida; Irmão negro, Em busca de um sonho, Estrelas tortas, Histórias para sala de aula, A palavra não dita.

E assim os contos de Perrault, que haviam sido publicados anteriormente pela Manole em três livros infantis como adaptação de Walcyr Carrasco, são republicados em 2013 pela Moderna, reunidos em um único livro, em cuja capa lemos as informações, na seguinte ordem (CARRASCO, 2013):

- Recontados por Walcyr Carrasco
- Contos de Perrault
- Charles Perrault
- Ilustrações Alexandre Rampazo
- Moderna

Seguindo o mesmo padrão, a Moderna publica também *Contos de Grimm* (2013) e *Contos de Andersen* (2012). Nessas novas edições os prefácios antigos são mantidos, porém todos passam a ser assinados por Walcyr Carrasco. Além desses paratextos, há em

cada uma das edições um novo prefácio assinado pela professora e pesquisadora de LIJ Regina Zilberman, intitulados “Hans Christian Andersen – O herdeiro das fadas”, “Dos irmãos Grimm a Walcyr Carrasco, um patrimônio imperdível” e “Jovens para sempre”, este último apresentando os contos de Perrault. Após os prefácios, há uma página com uma breve apresentação da pesquisadora, em que o leitor toma conhecimento de que se trata de uma especialista em literatura, com doutorado na Universidade de Heidelberg, Alemanha, e pós-doutoramento na Brown University, Estados Unidos, além de ver alguns de seus títulos publicados, tais como *Literatura infantil brasileira: história e histórias* e *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*.

Como veremos a seguir, os prefácios de Zilberman explicam e justificam as estratégias dos reescritor Walcyr Carrasco, sobre as quais anteriormente o público leitor não tinha conhecimento (à exceção de alguns comentários existentes no prefácio “Cada conto um ponto”, conforme já mencionado). Além de comentar as modificações feitas por Carrasco, a prefaciadora adota uma postura crítica, em que valora os caminhos seguidos pelo reescritor, notadamente no prefácio aos contos de Perrault, “Jovens para Sempre”.

Jovens para sempre: o prefácio de Regina Zilberman

No prefácio “Jovens para sempre” (p. 6-22), Regina Zilberman apresenta a época e o contexto do autor francês enquanto criador de um gênero literário: os contos de fadas. Também são abordadas as características dos contos, os quais lidam ao mesmo tempo com o *maravilhoso* (fadas ou seres mágicos), que realiza uma intervenção em prol dos protagonistas das histórias, e com a realidade de uma época (relações de hierarquia e dominação entre nobres e plebeus), vista nas dificuldades vivenciadas pelos personagens. Zilberman ressalta que, embora esses traços realistas existentes nas histórias remetam ao século de Perrault,

permanecem válidos ainda hoje, porque os problemas que revelam continuam valendo, ainda que não idênticos: desigualdades sociais e econômicas persistem na atualidade, a violência contra os mais fracos, especialmente crianças, não desapareceu. Além disso, há um fator presente nos contos com o qual nos identificamos até hoje: a família (CARRASCO, 2013, p.11).

Ao mencionar a questão familiar presente em diversas histórias, a pesquisadora começa então a descrever as aventuras dos personagens dos contos, procurando mostrar como eles enfrentam problemas, conseguindo, no entanto, superar as dificuldades de uma forma ou de outra ao final, embora muitas vezes os protagonistas sejam figuras mais frágeis do que seus antagonistas. A característica da superação é considerada uma das razões pelas quais os contos permanecem no tempo, sendo vista como “a autêntica magia dos contos de fadas”, uma vez que reforça a confiança do leitor, “mesmo quando esse se identifica com frágeis criaturas prejudicadas por forças superiores a elas” (CARRASCO, 2013, p.15). Esse entendimento irá embasar a justificativa de Zilberman para algumas modificações realizadas por Carrasco, como, por exemplo, o final de *Chapeuzinho Vermelho*, em que o reescritor salva a protagonista que havia sido devorada pelo lobo, diferentemente do que ocorre no conto de Perrault.

Zilberman comenta ainda um aspecto relevante para a leitura que fará sobre o trabalho de Walcyrr Carrasco; ao tratar do próprio título da obra, *Histórias ou Contos do tempo passado, com moralidades*, ela ressalta o aspecto folclórico e tradicional dos contos, mostrando que Perrault não criou as histórias, mas sim fez um trabalho em que “[aproveitou] tramas e personagens com que convivera na infância e que pertenciam ao folclore europeu” (p.15-16). Ela explica ser essa a razão pela qual as mesmas histórias aparecem também em outras coletâneas como a dos irmãos Grimm. Os contos de fadas foram compostos portanto a partir de “um processo de depuração do qual participa, de uma parte, a cultura po-

pular, de outra, a criatividade de um artista” (p. 19). Nesse ponto, a pesquisadora aproxima Walcyr Carrasco de Perrault e dos irmãos Grimm, considerando que o primeiro realiza um trabalho similar ao que fizeram os autores dos séculos XVII e XIX, e comenta ainda que “aos méritos dos contos de Charles Perrault é preciso acrescentar a habilidade narrativa de Walcyr Carrasco, para concluir que, na versão brasileira, eles ficaram ainda melhores” (p. 19).

Em seguida, na última parte do prefácio, Zilberman apresenta quatro estratégias adotadas por Carrasco, explicitando as questões mais relevantes que antes não eram acessíveis ao público leitor (p. 19-22): 1) a maioria dos enredos originais são mantidos, à exceção de Chapeuzinho Vermelho; 2) as moralidades ao final dos contos foram cortadas; 3) o uso da prosa foi generalizado e, assim, contos escritos em verso foram reescritos em prosa; 4) os diálogos ficaram mais ágeis. Além de expor as alterações realizadas, a pesquisadora justifica a atitude do reescritor, dando respaldo, com sua autoridade de especialista, às transformações feitas, e valorizando as reescritas dos contos como o resultado de um trabalho de “recriação do escritor brasileiro” (p. 22).

Zilberman justifica a ausência das moralidades, comentando que Carrasco “tratou de cortar o que ficou datado” (p. 20). Ela considera que os ensinamentos presentes nas histórias eram “explicitamente declarados nos contos originais, como se o leitor não fosse capaz de deduzi-los a partir do enredo” (p. 21), e acrescenta que Carrasco “deixa para seu destinatário decidir o que colher de cada narrativa” (p. 21). Em relação à homogeneização dos contos, todos eles reescritos em prosa, Zilberman ressalta que seria provavelmente artificial manter a forma métrica, as rimas e as estrofes dos contos originalmente em verso, explicando que o uso generalizado da prosa “facilita a leitura e harmoniza o estilo dos textos” (p. 21). Por fim, ressaltando a experiência e o talento de Carrasco como contador de histórias e dramaturgo, ela justifica as alterações feitas nos diálogos, os quais se tornam “ágeis”, em uma “linguagem contemporânea e adequada a situações atuais” (p. 21). Desse modo, portanto, as alterações realizadas por Walcyr Carrasco passam não

apenas a ser de conhecimento do público leitor, mas também, explicadas e justificadas como estratégias do adaptador, ou recriador.

Inserindo Walcyr Carrasco na tradição de contador de histórias que remete a Perrault e passa pelos irmãos Grimm, Regina Zilberman se alia ao projeto da Editora Moderna de valorização da obra autoral de Carrasco, que não é mais apresentado como “adaptador” (embora essa classificação já aponte para uma ideia de autoria, mais do que, por exemplo, a classificação “tradutor”), mas como “recriador”, como um autor que reescreve os contos tornando-os ainda melhores para o público leitor de hoje. Por suas características textuais, tais como a exclusão das moralidades e os acréscimos nos diálogos, o trabalho de adaptação de Walcyr Carrasco talvez se assemelhe mais às reescritas que realizavam grandes modificações no texto fonte, como as de Figueiredo Pimentel ou Monteiro Lobato. No entanto, o novo projeto editorial da Moderna, com o prefácio de Regina Zilberman, ressignifica a (re)escrita e, desse modo, além de realizar um trabalho de relançamento e divulgação da obra de Carrasco, atua no sentido de consolidar uma imagem desse autor.

Notas

1. Alguns aspectos da edição de *Chapeuzinho Vermelho e outras histórias* são analisados em “Walcyr Carrasco: a LIJ e uma agenda social”. In: OLIVEIRA, Anna Olga Prudente de. *Chapeuzinho Vermelho: marcas ideológicas e poetológicas de suas escritas e reescritas*. Rio de Janeiro, 2014. 130p. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC-Rio. p. 91-95.

Referências

CANTON, Katia. *Era uma vez Perrault*. 1 ed. São Paulo: DCL, 2005.

CARRASCO, Walcyr. *Contos de Perrault* recontados por Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna, 2013.

CARRASCO, Walcyr. *Contos de Grimm* recontados por Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna, 2013.

CARRASCO, Walcyr. *Contos de Andersen* recontados por Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna, 2012.

CARRASCO, Walcyr. *Contos de Perrault: Chapeuzinho Vermelho e outras histórias*. Charles Perrault/adaptação de Walcyr Carrasco. Barueri, SP: Manole, 2009.

CARRASCO, Walcyr. *Contos de Perrault: Cinderela e outras histórias*. Charles Perrault/adaptação de Walcyr Carrasco. Barueri, SP: Manole, 2009.

CARRASCO, Walcyr. *Contos de Perrault: O Gato de Botas e outras histórias*. Charles Perrault/adaptação de Walcyr Carrasco. Barueri, SP: Manole, 2009.

CARRASCO, Walcyr. *Contos de Grimm: Branca de Neve e Rosa Vermelha e outras histórias*. Irmãos Grimm/adaptação de Walcyr Carrasco. Barueri, SP: Manole, 2007.

CARRASCO, Walcyr. *Contos de Andersen: O patinho feio e outras histórias*. Hans Christian Andersen/adaptação de Walcyr Carrasco. Barueri, SP: Manole, 2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. *Poetics Today*. 1990. p. 45-51.

LAMBERT, José & VAN GORP, Hendrik. Sobre a descrição de traduções. Tradução: Marie-Hélène Torres & Lincoln Fernandes. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C.; COSTA, Walter C. (Org.). *Literatura e Tradução textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 197-212.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London/New York: Routledge, 1992.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2 vol. São Paulo: Brasiliense, 1951.

OLIVEIRA, Anna Olga Prudente de. *Chapeuzinho Vermelho: marcas ideológicas e poetológicas de suas escritas e reescritas*. Rio de Janeiro, 2014. 130p. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC-Rio.

PERES, Ana Maria Clark. La traduction des contes de fées: l'enfant entre la tradition et l'avenir. In: BEEBY, A.; ENSINGER, D.; PRESAS, M. (Ed.). *Investigating Translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 181-194.

PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. 4a reimpressão. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2012 (2007).

_____. *Contos de Mamãe Gansa*. Tradução e introdução: Ivone C. Benedetti. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

_____. *Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen & outros*. Apresentação: Ana Maria Machado. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *Contos de fadas*. Trad. Monteiro Lobato. 2ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007 [1934].

_____. *Contos e fábulas: Charles Perrault*. Tradução e posfácio: Mário Laranjeira. São Paulo: Iluminuras, 2007.

PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da Carochinha*. Belo Horizonte (MG): Vila Rica, 2006 (1896).

Site: EDITORA MODERNA. Walcyr Carrasco é autor exclusivo da Editora Moderna. (18 out. 2012). Disponível em: <<http://www.moderna.com.br/novidades-1/noticias/walcyr-carrasco-e-autor-exclusivo-da-editora-moderna.htm>> Acesso em 11 ago. 2015.

Recebido em: 17/07/2015

Aceito em: 29/09/2015